

A CONTRACULTURA

André de Melo Santos

Doutorando em Sociologia pela UFG.

andrxmelo.mov@gmail.com

Os movimentos estudantis que eclodiram no maio de 1968 na França foram os que tiveram o maior destaque. Outros movimentos emergiram no contexto e exerceram alguma influência na crítica da sociedade capitalista. Um desses movimentos é o da contracultura, que foi mais forte nos EUA mas que também criticava o modo de vida americano e buscava uma alternativa a sociedade capitalista. Analisar esse movimento, suas características e seus desdobramentos é a proposta desse trabalho

Palavras-chave: contracultura; movimentos estudantis; maio 1968

O movimento denominado contracultura foi um dos polos de contestação que ocorreu nos anos de 1960. Seu surgimento se deu nos Estados Unidos da América, também tendo ressonância na Europa e América Latina. A contracultura se caracterizava por ser uma revolta juvenil que questionava os valores da sociedade capitalista. Embora tendo repercussão mundial, ela não foi um movimento uniforme. Em cada país em que esteve presente, apresentou características próprias, tendo em comum o objetivo de apontar uma alternativa à tecnocracia dominante nas sociedades capitalistas.

Esse movimento surgiu nos EUA, um país, segundo Roszak (1972), em que a tradição de movimentos de esquerda é quase nula, diferentemente da Europa onde o movimento operário é mais organizado e existe uma tradição da esquerda no cenário político. Assim, surgido como uma forma de contestação do modo de vida americano, questionou valores, normas e, principalmente, o sistema estabelecido onde os jovens eram preparados para ser uma engrenagem do sistema.

Desta forma, as contraculturas¹ trazem à tona temas como cultura, tecnocracia, psicanálise, entorpecentes, marxismo e nova esquerda. Todos esses temas foram retomados no movimento e revelam uma crítica da sociedade capitalista, bem como a

¹ Roszak (1972) usa o termo no plural devido à variedade desses movimentos, embora todos tivessem em comum a contestação do modo de vida americano.

busca de modelos que superem esta sociedade. Modelos que, em muitos casos, não passam de sonhos sem qualquer perspectiva de transformar a realidade.

A contracultura se opunha à cultura oficial, mas o que vem a ser o conceito de cultura? Segundo François Laplantine:

A cultura é o conjunto dos comportamentos, saberes e saber-fazer característicos de um grupo humano ou de uma sociedade dada, sendo essas atividades adquiridas através de um processo de aprendizagem, e transmitidas ao conjunto de seus membros (1991, p.120).

A concepção antropológica de cultura, como demonstrado acima, é ampla e antagônica à concepção marxista, que é restrita, referindo-se apenas a ideias, produção intelectual, etc. e não inclui “material”, costumes, comportamento. Porém, a contracultura se opunha não somente à cultura, mas ao modo de vida e costumes da sociedade capitalista.

Assim, iniciamos o ponto central das contraculturas: uma recusa à cultura ocidental. Embora este movimento fosse situado nos anos 1960, cabe questionar se o termo contracultura se aplica apenas a este período ou se movimentos que questionam a sociedade podem ser enquadrados como contracultura. Os movimentos que questionavam a sociedade nos anos 1960 foram denominados de contracultura por se opor ao modo de vida na sociedade capitalista. Contudo, movimentos com características semelhantes surgiram e não receberam esta denominação. O pós-estruturalismo, com sua crítica aparente à sociedade moderna, poderia se reivindicar herdeiro da contracultura, por exemplo. Porém, os movimentos dos anos 1960 eram radicais e, apesar das contradições, buscavam uma alternativa à sociedade capitalista, algo que o pós-estruturalismo não busca. Pelo contrário, suas ideologias buscam a manutenção da sociedade capitalista. Questionamentos à parte, a contracultura foi um movimento importante no seio dos movimentos dos anos 1960 e, embora não fosse revolucionário a ponto de destruir as bases da sociedade capitalista, teve uma importante contribuição na crítica desta sociedade.

Segundo Carlos Alberto M. Pereira:

O termo contracultura foi inventado pela imprensa norte-americana, nos anos 60, para designar um conjunto de manifestações culturais novas que floresceram, não só nos Estados Unidos, como em vários outros países, especialmente na Europa e, embora com menor intensidade e repercussão, na América Latina. Na verdade, é um termo adequado porque uma das características básicas do fenômeno é o fato de se opor, de diferentes maneiras à cultura vigente e oficializada pelas principais instituições do Ocidente (1983, p. 13).

Se se sentia que algo na sociedade capitalista não ocorria bem, mas com certeza identificar o modo de vida como elemento principal a ser combatido demonstra que estes jovens não eram oriundos da classe operária, pois esta é quem tem clareza da origem de suas angústias nesta sociedade (no caso, a exploração feita pelo capital).

Um ponto principal que levava os jovens a se revoltar contra a ordem vigente é o que Roszak (1972) e Fromm (1970) denominam de “tecnocracia”. Ou seja, uma sociedade totalmente dirigida, na qual os indivíduos são engrenagens do sistema, pensados para funcionarem de forma mecânica. Contudo, existem contradições na sociedade capitalista. Fromm (1975) coloca que o indivíduo “ajustado” a esta sociedade tende a ser, do ponto de vista psíquico, um neurótico, embora em momentos de estabilidade social estas contradições sejam menos notadas. Uma sociedade desse modo pode ter sido pensada na elaboração do Estado integracionista, no qual as necessidades básicas dos indivíduos eram (supostamente) atendidas e, assim, a sociedade funcionaria, para usar o termo de Durkheim, normalmente. Segundo Roszak:

Refiro-me àquela forma social na qual uma sociedade industrial atinge o ápice de sua integração organizacional. É o ideal que geralmente as pessoas têm em mente quando falam de modernização, atualização, racionalização, planejamento. Com base em imperativos incontestáveis, níveis cada vez maiores de força humana coletiva, a tecnocracia age no sentido de eliminar as brechas e fissuras da sociedade industrial (1972, p. 20).

A premissa da tecnocracia é manter a sociedade funcionando de forma eficaz. Isso pressupõe que os indivíduos alienados sejam convencidos de que a sociedade funciona bem. Assim, entram em cena os especialistas de todas as áreas, com respostas prontas para os problemas surgidos. Se alguém, por exemplo, está deprimido, procura-se um psicólogo e este indicará uma solução para a depressão. Em todas as áreas do conhecimento na sociedade tecnocrática, estes especialistas criam o mito da ciência e dos cientistas. Rubem Alves (1981) coloca que, na sociedade moderna, o cientista virou um mito, com poderes sobrenaturais acima dos humanos comuns. Assim, há a crítica da razão instrumental, o que pressupõe separar razão instrumental, ligada ao poder e reprodução do capital, e a razão emancipadora, ligada à emancipação humana.

Segundo Roszak (1972), esse mito da ciência, que apoia a tecnocracia, se baseia em três premissas:

- 1- Que as necessidades vitais do homem são de caráter puramente técnico. Ou seja: os requisitos de nossa condição humana submetem-se inteiramente a alguma espécie de análise formal capaz de ser levada a cabo por especialistas, detentores de certos conhecimentos impenetráveis, e que pode então ser traduzida por eles, diretamente, num acervo de programas sociais e

econômicos, processos de administração pessoal, mercadorias e dispositivos mecânicos;

- 2- Que essa análise formal (e altamente esotérica) de nossas necessidades achasse atualmente concluída em 99%. Por conseguinte, apesar de empecilhos e dificuldades secundárias criadas por elementos irracionais em nosso meio, os pré-requisitos de realização humana acham-se inteiramente satisfeitos;
- 3- Que os especialistas que sondaram nossos recônditos desejos e que são os únicos capazes de continuar o prover de nossas necessidades, os especialistas que realmente sabem o que dizem, estão todos eles na folha de pagamento oficial da estrutura estatal e/ou empresarial (1972, p. 23-24).

A tecnocracia estabelece um modelo de sociedade em que a adesão da maioria dos indivíduos é necessária para o seu funcionamento. Segundo denominou Marcuse (1967), este seria o “homem unidimensional”, característico das sociedades capitalistas avançadas, cuja consciência é totalmente controlada pelo sistema. Sendo assim, cabe aos jovens, no processo de ressocialização repressivo, destacarem-se no questionamento dessa sociedade. E de maneira inesperada e não prevista, de fato criaram um movimento que abalou as bases da sociedade.

Autores como Fromm (1970) já tinham diagnosticado que a sociedade capitalista é uma sociedade enferma. O seu funcionamento dentro do que se entende por “normalidade” é neurótico. O indivíduo bem adaptado a esta sociedade é alguém que vive em competição com os outros, cultua o dinheiro como um deus, vive bombardeado por necessidades artificiais de consumismo orquestrado pela mídia, etc. Enfim, o indivíduo considerado normal é alguém totalmente alienado, e seus desejos e sentimentos são manipulados.

O efeito dessa manipulação pode ser percebido de várias maneiras, desde o fanatismo religioso até a quantidade de indivíduos que procuram clínicas para tratamento psiquiátrico. Pode ser que muitos indivíduos sintam que a sociedade vai mal, mas diagnosticar a real causa e lutar contra ela é algo mais raro, tanto do ponto de vista individual, como social. O ponto central dessas análises se centra no conceito de alienação:

Contudo não se trata de alienação naquele sentido puramente institucional em que o capitalismo tende a alienar o trabalhador dos meios e frutos da produção; e sim a alienação com o homem, um amortecimento que pode insinuar-se até mesmo naqueles movimentos revolucionários com que as melhores intenções humanitárias tentam eliminar os sintomas externos de alienação (ROSZAK, 1972, p. 68).

Desta forma, os jovens buscaram alternativas à cultura capitalista ocidental. Este é o caso do surgimento do movimento hippie nos Estados Unidos, movimento que buscava questionar a sociedade através da recusa de sua inserção, tal como é planejado

por esta. A recusa da razão ocidental e retorno do pensamento religioso é algo que Roszak (1972) coloca como inédito na crítica ocidental desde o Iluminismo, embora essa busca religiosa tenha como característica a procura por religiões orientais.

Outro ponto levantado pelas contraculturas é denominado por Roszak (1972) como a dialética da libertação: Freud e Marx. A realidade psíquica ou a realidade social é o motor principal de nossas vidas? Essa pergunta pode ser respondida não opondo os dois pensadores, mais sim usando um para complementar o outro. Segundo Fromm:

Marx acreditava que a maior parte do que pensamos sobre nós e os outros é ilusão, é ideologia. Acreditava que nossos pensamentos individuais formam-se de acordo com as ideias desenvolvidas por uma determinada sociedade, e tais ideias são condicionadas pela estrutura e modo de funcionamento da sociedade... Freud impressionado com experiências hipnóticas que demonstravam como a pessoa em transe pode acreditar na realidade daquilo que é evidentemente irreal, ele descobriu que as maiorias das ideias das pessoas que não estão em transe também não correspondem a realidade, e que, por outro lado, a maior parte do que é real não é consciente (FROMM, 1965, p. 18-19).

Marx fala sobre os mecanismos utilizados pela burguesia para manter sua dominação sobre as demais classes, isto é, a ideologia, e a necessidade de desmascará-la. Freud faz algo semelhante pensando em relação ao indivíduo. Se os pensamentos deste indivíduo não são conscientes como comumente se imagina, existe algo a ser descoberto: o inconsciente, que, para Freud, precisa ser desvendado. Se para Marx era preciso destruir a sociedade capitalista para libertar o homem, Freud acreditava que o inconsciente deveria ser revelado e, assim, fazer com que o homem se adeque à vida na sociedade. Porém, Freud, devido à sua condição de classe, não percebeu que a psicanálise pode contribuir para emancipação humana. Foram outros autores, como Fromm, que perceberam que a psicanálise freudiana, junto com o marxismo, poderia contribuir para a luta contra a dominação capitalista.

Isso foi percebido nos movimentos dos anos de 1960. Roszak (1972) coloca que a liberdade sexual era um dos principais pontos a serem debatidos. A rebelião na França teve capítulos relacionados à repressão sexual, sendo que o estopim desta rebelião ocorreu quando não foi permitida a visita de estudantes do sexo masculino ao alojamento do sexo feminino (GROPPO,2001). Assim, a revolução sexual estava em pauta, fundamentada pelas teorias de Reich, para quem:

A importância primordial do orgasmo para o bem da saúde, tanto mental quanto física, bem como para evitar neuroses, levou-o a formular uma teoria de psicopatologia e uma crítica à sociedade capitalista... A sua convicção era, que a vida podia, sem dúvida ser mais livre e menos complicada e menos complicada que as sociedades civilizadas permitem, e que, se o homem pudesse viver pelos seus instintos e não em submissão à sua armadura de

caráter, a vida poderia ser não só mais livre e rica do que é, como ainda muitos problemas morais e doenças físicas, incluindo o câncer, jamais ocorreriam (RYCROFT, 1971, p. 41).

Para Reich, o fundamental era a liberdade sexual, pois ela estava na raiz da dominação exercida pela sociedade capitalista. Logo, sua tese teve alguma influência nos movimentos dos anos 1960. Porém, estes não perceberam que a libertação sexual não ocorreria sem as condições para o desenvolvimento de uma nova sociedade. Isso porque no interior da sociedade capitalista a suposta “libertação” sexual é limitada pelos ditames do capital (mercado), Estado, classe social, valores e cultura em geral, etc.

Assim, a bandeira da liberdade sexual, levantada como uma das principais críticas à sociedade capitalista, tornou-se limitada. Logo, tal bandeira passou a ser dos pós-modernistas, com um conteúdo reacionário.

Nesse sentido, os movimentos da contracultura buscavam se libertar da moral burguesa, da racionalidade ocidental. Segundo Groppo:

A família e a escola são do ponto de vista político, oficinas para produzir pessoas obedientes à ordem burguesa... A falta de espírito crítico, a proibição de protestar, a ausência de opinião pessoal caracterizam a relação das crianças fieis à família, do mesmo modo como os empregados e funcionários se submetem ao Estado e os operários sem consciência de classe se submetem aos patrões (2001, p. 598).

Se o inimigo era a sociedade capitalista e, conseqüentemente, a socialização efetuada nesta, seria natural que os movimentos juvenis se aproximassem das teses e do movimento operário. Já que este tem a obrigação de se libertar da opressão, destruindo a sociedade capitalista – seu objetivo histórico. Contudo, o pertencimento de classe pode determinar até que ponto o indivíduo está disposto a romper com a sociedade. Isso significa dizer que os “rebeldes sem causa”, oriundos da classe burguesa, não almejavam destruir esta sociedade, apenas gostariam que ela fosse mais livre, como demonstra Carlos Alberto M. Pereira:

Era exatamente a juventude das camadas altas e médias dos grandes centros urbanos que, tendo pleno acesso aos privilégios da cultura dominante, por suas grandes possibilidades de entrada no sistema de ensino e no mercado de trabalho, rejeitavam esta mesma cultura de dentro (1983, p. 23).

Desta forma, os movimentos da contracultura, segundo Roszak, tomaram vários caminhos: desde a arte de vanguarda, misticismos, esoterismos, liberalização sexual até experimentos com drogas psicodélicas, tidos como experiências que faziam expandir a mente e a percepção da realidade, quando sabemos que os efeitos das drogas não são tão benéficos assim.

Segundo Groppo:

Theodore Ronzak criticava tenazmente os rumos tomados pelas contraculturas e o movimento hippie, ao tornar a experiência psicodélica com drogas a principal e, em muitos casos, a única forma de exploração da consciência e busca de novos compartimentos de espírito. Deste modo, grande parcela dos jovens nas contraculturas, rumava para a alienação e auto-destruição: A experiência psicodélica é um elemento importante da rejeição radical da sociedade adulta por parte dos jovens. Contudo, é essa busca frenética da panaceia farmacológica que tende a desviar muitos jovens de tudo quanto sua rebelião tem de mais valioso e que ameaça destruir suas sensibilidades mais promissoras (2001, p. 593).

Assim, chegamos ao ponto em que as contraculturas chegaram ao seu limite. Apesar das críticas à sociedade capitalista ocidental, sua racionalidade, seus valores, sua moral repressiva, etc., os caminhos tomados pelo movimento não apontavam para a superação desta sociedade. Pelo contrário, a cultura hippie, através da música e das roupas, foi incorporada pelo capital. No caso da música, o período que vai dos anos 60 aos 70 foi a época da música psicodélica. Bandas de rock, como Pink Floyd, exploraram estas experiências com drogas, entre outros.

Dentre os movimentos que surgiram nos anos 1960, as contraculturas não tiveram a radicalidade do maio de 1968 na França, porém deixaram um legado de crítica ao modo de vida na sociedade capitalista. Contudo os caminhos tomados pelo movimento, como a experiência com as drogas e o misticismo afastou o movimento de qualquer possibilidade de avançar na crítica da sociedade. Também a contracultura foi assimilada pelo indústria fonográfica, as bandas de rock tiveram grande sucesso. Essas bandas de rock fizeram a cabeça dos jovens que acreditavam que ser roqueiro era uma forma de criticar a sociedade, quando na verdade tudo servia a sociedade capitalista e as críticas eram bastante limitadas.

Outro aspecto que foi evidenciado pelas contraculturas foi a crítica a sociedade tecnocrática. Contudo com o desenvolvimento tecnológico e principalmente do meios de comunicação eletrônicos a sociedade capitalista se tornou mais dependente da tecnocracia. Hoje existe especialistas para todos os problemas, estes se tornaram celebridades conhecidas e respeitadas pelo grande público.

Por fim se a contracultura não tinham a radicalidade de outros movimentos dos anos 1960, elas deixam claro que a socialização na sociedade capitalista, mesmo para indivíduos oriundos de classes privilegiadas e não precisam se preocupar com a sua sobrevivência sentem a necessidade de algo que não está presente nesta sociedade. O homem moderno é um homem vazio (ROJAS, 1996), esse vazio está no aspecto de sua

humanidade que é convertida em mercadoria. As relações sociais que ele estabelece são permeadas por essa característica. O homem luta contra esse vazio contudo ele não percebe os elementos que são fundamentais, a crítica da sociedade capitalista e sua superação. Neste ponto o maio de 1968 avançou mais que as contraculturas. Porém ambos são o sintoma de uma sociedade doente e, que os indivíduos se revoltam contra ela.

THE COUNTERCULTURE

ABSTRACT: The student movements that erupted in may of 1968 in France were those that had the most prominence. Other movements emerged in the context and exerted some influence on the critique of capitalist society. One such movement is that of the counterculture, which was stronger in the US but which also criticized the american way of life and sought an alternative to capitalist society. analyzing this movement, its characteristics and its unfolding is the proposal of this work.

Keywords: counterculture; student movements; may 1968

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. (1981) *Filosofia da Ciência*. São Paulo: Brasiliense.
- FROMM, E. (1965). *Meu Encontro com Marx e Freud*. Rio de Janeiro: Zahar.
- FROMM, E. (1970) *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar,
- FROMM, E. (1974) *O Dogma de Cristo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- FURTER, P. (1967) *Juventude e Tempo Presente*. São Paulo: Paz e Terra.
- GROPPO, LA. (2000) *Juventude*. Rio de Janeiro: Difel.
- GROPPO, LA. (2001). *Uma Onda Mundial de Revoltas*. Tese de Doutorado: Unicamp.
- GROPPO, LA. (2006). *Autogestão, Universidade e Movimento estudantil*. São Paulo: Autores Associados.
- LAPASSADE, J. (1974) *A Entrada na Vida*. Porto: Edições 70.
- LAPLANTINE, F. (1991) *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense.

- LEITE, J.C. (2003) *Fórum Social Mundial*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- LIPOVETSKY, G. (1973). *Diagnóstico de Nosso Tempo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- LIPOVETSKY, G. (1987) *O Império do Efêmero*. São Paulo: Cia das Letras.
- MARCUSE, H. (1967). *A Ideologia da Sociedade Industrial*. Rio de Janeiro: Zahar.
- MARCUSE, H. (1973) *Contrarrevolução e Revolta*. Rio de Janeiro, Zahar.
- MARX, K. (2011) *A Guerra Civil na França*. São Paulo: Boitempo.
- PEREIRA, C. A. M. (1983) *O que é Contracultura*. São Paulo: Brasiliense.
- ROJAS, E. (1996) *Homem Moderno: A Luta Contra o Vazio*. São Paulo: Mandarim.
- ROSZACK, T. (1972) *A Contracultura*. Rio de Janeiro: Vozes.
- RYCROFT, C. (1971) *As Ideias de Reich*. São Paulo: Cultrix.
- SLATER, P. (1978) *Origem e Significado da Escola de Frankfurt*. Rio de Janeiro: Zahar.
- VIANA, N. (2007) *A Consciência da História*. Rio de Janeiro: Achiamé
- VIANA, N. (2007b) *Escritos metodológicos de Marx*. Goiânia: Alternativa.
- VIANA, N. (2008). *O Que é o Marxismo*. Rio de Janeiro: Elo Editora, 2008.
- VIANA, N. (2009), N. *O Capitalismo na Era da Acumulação Integral*. São Paulo: Ideias e Letras.
- VIANA, N. (2012). *Juventude, Contestação, Autogestão*. Goiânia: II Simpósio de Ciências Sociais
- VIANA, N. (2012). *Juventude, Trabalho e Autogestão Social*, In Ciências Humanas Revista da Estácio de Sá. Goiânia.
- VIANA, N. (2012). *Regime de Acumulação, Gerações e Juventude*. In Revista Espaço Acadêmico, Número 129, Fevereiro de 2012. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/issue/view/584>.